

A abordagem de variações linguísticas no ensino da tradução

Dealing with language variation in translator training

Vanessa Lopes Lourenço Hanes*

Resumo: A variação linguística está presente em todas as esferas da prática tradutória, mas não é um tópico comumente ou diretamente tratado em cursos de tradução no Brasil. Portanto, o objetivo desse artigo é considerar possibilidades para lidar com este tópico em aulas voltadas à formação de tradutores, mencionando perspectivas teóricas que podem ser úteis para guiar debates em sala, bem como trazendo exemplos de situações de ensino reais para demonstrar a relevância de debater a variação linguística com futuros tradutores. Apesar de a variação linguística englobar muitas mídias, gêneros textuais e situações comunicativas, esse estudo conclui que algumas generalizações são possíveis para melhor compreender como encarar estes diferentes cenários, produzindo assim traduções melhor informadas.

Palavras-chave: variação linguística; formação de tradutores; prática de tradução.

Abstract: Language variation is present in every sphere of translation practice, but it is not a topic commonly or directly addressed in translation courses in Brazil. Therefore, the objective of this article is to go over possibilities to deal with this topic in translator training classrooms, mentioning theoretical perspectives that could be useful to guide classroom discussions, as well as bringing examples from actual classroom situations to demonstrate the relevance of debating language variation with future translators. Even though language variation encompasses many medias, text genres and communicative situations, this study concludes that some generalizations are possible in order to better understand how to face these different scenarios in order to produce better-informed translations.

Keywords: language variation; translator training; translation practice.

* Universidade Federal Fluminense; vanessahanes@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-0413-0190>.

Introdução

A área da tradução tem crescido significativamente no Brasil nas últimas décadas, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, com o surgimento de novos cursos e a ampliação de cursos já tidos como tradicionais. Nesse cenário de expansão, felizmente ampliam-se também os olhares sobre a temática, tanto da área de pesquisa (basta explorar as bases de teses e dissertações das pós-graduações em Estudos da Tradução e áreas afins para constatar a pluralidade de abordagens atuais) quanto do campo de formação para a atuação profissional.

Levando em conta esse contexto fértil para novas reflexões, as ideias aqui delineadas têm como objetivo tratar de uma faceta ainda relativamente pouco explorada ao se pensar o ensino da tradução no que tange a formação de tradutores na graduação, apesar da sua onipresença na rotina profissional do tradutor: a questão da tradução de variações linguísticas. A relevância de trazer tal assunto à tona se justifica porque o conceito de variação linguística, se compreendido segundo HALLIDAY (1985), engloba tanto dialetos quanto registros, aplicando-se assim a um vasto espectro de gêneros textuais e modalidades tradutórias: são inegáveis as implicações do uso da variação mais apropriada na tradução de documentos oficiais, artigos acadêmicos, textos literários, obras fílmicas, localizações de games e websites, todos textos muito diversos entre si, e conseqüentemente permeados por formas de variação radicalmente diferentes.

Já inicialmente é válido esclarecer que, embora o enfoque aqui seja lidar com o ensino da tradução em um contexto voltado ao fazer tradutório, parte-se da premissa de que a formação de tradutores que atinge toda a sua potencialidade é aquela que busca estabelecer constantes relações entre teoria e prática. Sabe-se ainda que a relação entre a teoria e o traduzir nunca se deu sem empecilhos. Fawcett (1981) já afirmava décadas atrás que as tentativas de integrar teoria nas aulas tradicionais de formação de tradutores esbarravam em limitações como: a necessidade de efetivamente realizar a tradução proposta (alunos se tornavam impacientes por debater demais e não traduzir de imediato); a lentidão do processo de correção resultante das reflexões teóricas; e a pluralidade dos textos abordados

que acaba por impossibilitar a adoção de uma só abordagem teórica para lidar com qualquer tipo de tradução. E, embora considerável distância cronológica separe os leitores do presente texto do momento em que Fawcett fez tais afirmações, o docente da área de tradução nota que, ainda hoje, dificuldades similares frequentemente se apresentam na sala de aula.

A grande problemática resultante das limitações de uma formação sem maiores reflexões é a possibilidade real de produção de traduções que não atinjam toda a sua potencialidade, não cumprindo plenamente aquilo que Nord (2005) classificaria como o seu propósito. Diante disso, pensares acerca da variação linguística e da tradução são levados em conta aqui para analisar como, mesmo na pluralidade de materiais a serem traduzidos que desafiam profissionais cotidianamente, alguns princípios gerais podem ser encontrados e efetivamente aplicados na formação voltada à prática.

As considerações traçadas são, de modo geral, fruto de experiências pessoais da autora, as quais vêm, crescentemente, demonstrando a centralidade de se debater variações linguísticas de forma sistematizada na sala de aula voltada à formação de tradutores, em lugar de se adotar somente a já comum abordagem indireta ou oblíqua do tema. Para expor tal perspectiva optou-se aqui por dividir as ideias que seguem em: a) uma seção na qual são estabelecidas conexões entre variações linguísticas e teorias consideradas úteis para direcionar estas traduções; b) um conjunto de exemplos advindos de situações tradutórias reais enfrentadas no cotidiano acadêmico, seja da sala de aula de tradução ou de projetos de pesquisa e extensão; e c) uma seção final que busca combinar os casos específicos trazidos à tona com reflexões teóricas baseadas nas teorias sugeridas para traçar possíveis generalizações úteis ao ensino da tradução de variações linguísticas no Brasil atual.

1. Aspectos teóricos a serem considerados na tradução da variação linguística

Idealmente, o primeiro passo para se pensar a variação linguística em sala de aula é, mesmo antes de considerá-la sob o escopo da tradução, eleger com qual conceito de variação se pretende trabalhar, ou seja, quais fenômenos serão

compreendidos no âmbito de dada sala de aula (ou de dada prática profissional) como variação. Conforme já indicado acima, parece interessante para a autora compreender variações linguísticas sob uma perspectiva mais ampla, que englobe tanto registros quanto dialetos (segundo HALLIDAY 1985), embora esta não seja a única maneira de pensar variações linguísticas na formação de tradutores. Há docentes, por exemplo, que enfocam questões dialetais de modo exclusivo, e este recorte é perfeitamente válido. Mas uma perspectiva macro como a de Halliday permite perceber que praticamente qualquer tipo de tradução está atrelada ao conceito de variação.

Na realidade, a concepção de variação, no caso do Brasil, já é extremamente complexa ao se considerar somente o sistema linguístico vernáculo. Isso porque, historicamente, o Brasil tem lidado com uma dicotomia linguística, um afastamento entre a gramática da fala e aquela da escrita (KATO 2005). Fala-se no país de um modo influenciado pelas diversas raízes do povo brasileiro, mas escreve-se utilizando construções ainda muito próximas em vários aspectos da língua do colonizador, o português europeu. Esta dicotomia entre português oral e escrito afeta em maior ou menor escala o modo como se traduz (conforme já abordado em HANES 2015), devendo, portanto, ser abertamente pensada em sala de aula (ilustrações da aplicação desta perspectiva serão apresentadas posteriormente através de exemplos específicos).

Outro conceito que é inevitavelmente trazido à tona na sala de aula de tradução é o de proficiência linguística, mas não só em seu sentido mais óbvio de pleno domínio das línguas de trabalho. É claro que a sala de aula de tradução é sim o espaço para se tratar da importância da proficiência também neste sentido mais literal, já que, conforme Hubert (2017: 55)

[o] ensino da tradução num nível universitário em departamentos de línguas estrangeiras apresenta uma série de desafios que se originam com os níveis profundamente heterogêneos de proficiência em língua estrangeira entre a população discente.¹

Esta heterogeneidade no conhecimento da língua de trabalho constitui um problema fundamental na sala de aula de tradução, pois a inaptidão para identificar algo

¹ The teaching of translation in a university-level foreign-language department presents a series of challenges that originate with deeply heterogeneous levels of foreign-language proficiency across student populations.

relativamente simples como um registro mais baixo ou mais elevado em um diálogo, por exemplo, pode comprometer diretamente o produto traduzido. Todavia, indo além e contextualizando a questão no debate aqui traçado, o conceito de proficiência linguística pode ser expandido em combinação com aquele de variação linguística para se pensar: afinal, é realmente possível ser proficiente em todas as variações de meu idioma de trabalho, ainda que, segundo exames internacionais, eu seja considerado proficiente? Este questionamento pode ser pensado tanto sob uma perspectiva sociolinguística (com relação à língua inglesa, por exemplo, acadêmicos como Lippi-Green (2007) questionam o que, para aquela autora, seria o mito da língua padrão, e as diversas ramificações reais do inglês norte-americano cotidiano), quanto de modo a englobar a proficiência no uso de língua pré-estabelecido para determinados gêneros textuais. Halliday (2004), por exemplo, afirma que há uma língua específica da ciência, ou seja, um modo geralmente aceito de se produzir artigos acadêmicos em diferentes comunidades linguísticas, um formato específico a ser dominado tanto por nativos quanto por aprendizes de uma língua que desejam lidar com este gênero textual, como no caso de tradutores profissionais da área científica. Tomando como inspiração a terminologia de Lippi-Green (2007), parece importante abordar com os futuros tradutores o mito da proficiência linguística, a qual será sempre limitada, e a importância de serem proficientes no uso de língua especializada da área na qual pretendem atuar.

Este debate sobre a limitação da proficiência leva a pensar sobre uma esfera em que, talvez, a teoria e a prática se encontrem de forma mais facilmente perceptível: a urgência de preparar o tradutor em formação para ser, acima de tudo, um pesquisador nato e holístico em sua busca pela melhor abordagem tradutória. Alguns podem argumentar que este tipo de pesquisa, em linhas gerais, resume-se à utilização de diferentes ferramentas da melhor maneira possível ao traduzir, não se tratando de campo de reflexão teórico, mas tão somente prático. Porém, defende-se aqui que o uso de ferramentas adequadas e de modo adequado não deixa de ser uma teorização. Pym (2010) afirma que os tradutores fazem teoria o tempo todo quando identificam um problema tradutório e decidem entre várias soluções possíveis. Nessa complexa operação decisória, são trazidas à tona várias ideias sobre o que é a tradução e como ela deve ser desenvolvida; nesse momento, para Pym, os tradutores estão teorizando. É sob esta perspectiva que se entende aqui a teorização

da prática e que a instrumentalização para pensar decisões tradutórias também tem seu espaço na sala de aula voltada à formação de tradutores, em especial quando se pensa em variações linguísticas. Cabe nesse contexto destacar desde ferramentas pagas e mais especializadas até aquelas mais simples e gratuitas, como as oferecidas pelo Google (dentre as mais úteis podem ser mencionados Google Acadêmico, Google Livros, e até Google Tradutor), além de dicionários on-line bilíngues e monolíngues, fóruns profissionais, dentre tantas outras ferramentas cuja utilização em toda a sua potencialidade não é apreendida instintivamente pela grande maioria dos tradutores em formação, que tendem a ver somente itens lexicais isolados e não ir além deles ao traduzir. Afinal, pensar a variação linguística exige pensar o contexto em que cada palavra existe, para que não ocorram, como frequentemente ocorrem, equívocos severos. Parece válido concordar com as colocações de Baer (2017) ao discorrer sobre o uso de dicionários e ferramentas de modo geral:

O foco do novato em palavras e frases é refletido pelo uso excessivo ou equivocado de dicionários bilíngues - uso excessivo no sentido de que dicionários bilíngues são frequentemente usados em lugar de outras ferramentas de pesquisa, como textos paralelos, e uso equivocado no sentido de que tradutores novatos tipicamente escolhem a primeira definição listada no dicionário e erram ao não checar esta definição com relação ao contexto. Esse enfoque em palavras e frases também se reflete em uma tendência a ignorar características textuais globais, tais como coesão e coerência. Então, um dos objetivos principais de qualquer curso introdutório em tradução deve ser, além de apresentar uma variedade de estratégias e ferramentas, iniciar um profundo repensar da tradução que leve os tradutores novatos de uma visão da tradução como mera transcodificação, caracterizada por um enfoque em palavras e frases e por uma fidelidade cega ao texto fonte, a uma apreciação da tradução como o que o teórico checo Jiří Levý (1967) descreveu como um complexo processo de tomada de decisão, que presume que a unidade de tradução seja o texto como um todo e reconhece o importante papel de fatores extralinguísticos, como as intenções do autor ou do cliente e as expectativas dos usuários finais da tradução. (BAER 2017: 63)²

² The novice's focus on words and phrases is reflected in the overuse and misuse of bilingual dictionaries—overuse in the sense that bilingual dictionaries are often used to the exclusion of other research tools, such as parallel texts, and misuse in the sense that novice translators typically choose the first definition listed in the dictionary and fail to check that definition against the context. This focus on words and phrases is also reflected in a tendency to ignore global textual features, such as cohesion and coherence. And so one of the primary goals of any introductory course in translation must be, in addition to introducing a variety of strategies and tools, to initiate a profound rethinking of translation that would bring novice translators from a view of translation as mere transcoding, characterized by a focus on words and phrases and a blind fidelity to the source text, to an appreciation of translation as what the Czech theoretician Jiří Levý (1967) described as a complex decision-making process, which presumes the unit of translation to be the text as a whole and acknowledges the important role of extralinguistic factors, such as the intentions of the author or client and the expectations of the end users of the translation.

Fica claro entretanto que, para pensar a tradução e o uso de ferramentas cotidianas do tradutor nos moldes propostos por Baer, passa também a ser necessário lançar mão de teorias da tradução vistas como tal em um sentido mais estrito. Mas não se pode desconsiderar que, em uma sala de aula voltada à prática, um “bombardeio teórico” não seria exatamente bem-vindo pelos discentes afoitos por traduzir, como já não era anos atrás conforme indicado por Fawcett (1981). Ademais, a seleção de quais teorias seriam pertinentes para cada contexto didático é, em última instância, uma decisão que cabe exclusivamente ao professor de cada curso com suas particularidades, ensinando turmas que por sua vez também têm suas peculiaridades. Mas, independentemente da necessidade de ser breve com relação à introdução da teoria para evitar frustrações, e da ampla gama de teorias que podem ser selecionadas para lidar com diferentes dificuldades tradutórias, há conceitos que demonstram ser quase que universalmente úteis ao pensar a tradução de variações linguísticas, sejam elas relativas a registros ou dialetos. Alguns deles serão mencionados abaixo como sugestões, embora não se tenha a pretensão de esgotar as possibilidades teóricas viáveis para trabalhar a questão da variação linguística, mas tão somente demonstrar como teorias já consagradas podem auxiliar no direcionamento da prática nestes casos específicos.

O primeiro conceito teórico relevante ao pensar a tradução de variação linguística seria o de patronagem trazido por LEFÉVERE (1985). Isso porque, muitas vezes, o profissional tradutor esbarra nos parâmetros impostos por aqueles que solicitam o seu trabalho, não podendo necessariamente aderir à sua primeira opção tradutória no que tange variações linguísticas específicas. Editoras podem, por exemplo, especificar que dialetos devem ser traduzidos como língua padrão em qualquer caso, e aí cabe ao tradutor acatar àquilo que lhe é imposto para manter sua colocação no mercado de trabalho.

Os conceitos de domesticação e estrangeirização de Venuti (1995) também são válidos na consideração da variação linguística, pois ajudam a pensar sobre como trazer determinadas variações para o público leitor, se causando estranhamento ao estrangeirizar, ou adaptando o texto ao que é tradicionalmente esperado pelo público-alvo ao domesticar. Este debate é particularmente relevante ao pensar no que fazer com dialetos, devido à impossibilidade de se encontrar equivalentes

exatos (um debate mais amplo sobre este tópico será trazido na próxima seção do presente texto).

Outra concepção teórica que auxilia o tradutor em formação a orientar a sua prática é aquela de projeto de tradução, ou seja, de se compreender exatamente para onde se quer ir com um texto traduzido antes de se começar a traduzi-lo. Diferentes abordagens teóricas trabalham com o conceito de projeto, como no caso do projeto minorizante defendido por Venuti (1995) ou o conceito de projeto de tradução baseado na função comunicativa a ser cumprida pela tradução, o qual é usado por adeptos das teorias de funcionalistas alemães tais como Nord (2005). Independentemente de qual o viés teórico adotado, refletir sobre o que será globalmente feito com qualquer variação linguística antes de dar início à tradução auxilia na produção de um texto com vários pontos positivos, dentre os quais se destaca a consistência/uniformidade linguística.

As abordagens descritivas da tradução são, como um todo, outra perspectiva que auxilia no entendimento de como traduzir variações. Isso porque, apesar da ampla e crescente gama de ideias que se encaixam sob o guarda-chuva dos Estudos Descritivos da Tradução, estas abordagens têm em comum a oposição à prescritividade, buscando em lugar disso entender o porquê dos fenômenos tradutórios se darem como se dão em determinado contexto. Compreender que as normas tradutórias, conforme entendido por Toury (1995), são algo muito maior do que a prática isolada como profissional tradutor é algo potencialmente libertador para o tradutor iniciante, que percebe com base nesta teoria o quanto a sua atuação é multideterminada pelo seu contexto.

E, é claro, é impossível falar em contexto sem apontar a contribuição da abordagem polissistêmica de Even-Zohar (1990) para entender a importância da contextualização da atividade tradutória como um todo, englobando aí obviamente o modo como dada variação linguística é tratada em determinado momento histórico, em determinado sistema literário, cultural, e assim por diante.

Os autores brevemente mencionados acima parecem servir ao objetivo de ilustrar o quanto a tradução da variação linguística pode se beneficiar de conceitos teóricos para seu direcionamento prático. Semelhantemente, não se deve esquecer da importância de pensar o estado da arte sobre a tradução de variações linguísticas no Brasil, ou seja, o que já foi dito por estudiosos da tradução acerca da variação

sendo trabalhada em determinado cenário (seja ele de tradução literária, tradução técnica, tradução fílmica, etc.). Alguns exemplos nacionais incluem a abordagem de Paganine (2017) voltada à variação na tradução literária, e o trabalho de Araújo e Hanes (2020) lidando com a tradução dialetal na esfera audiovisual. O escopo limitado do texto aqui desenvolvido não permite traçar estados da arte sobre como foram abordados diferentes dialetos e registros em diferentes modalidades tradutórias, mas este exercício de visualização macroestrutural da questão, ainda que feito parcialmente (com a seleção de poucos textos que sejam mais representativos para o tipo de tradução em tela) tem potencial para informar e empoderar os discentes em seu processo decisório.

Após discorrer sobre teorias relevantes para lidar com a variação linguística na sala de aula voltada à formação de tradutores, resta ainda refletir sobre o principal questionamento levantado: qual a relevância de pensar a variação linguística no contexto tradutório e no contexto da formação de tradutores? A seção a seguir se propõe, por meio de exemplos específicos da sala de aula, a lançar luz sobre o porquê a temática em tela é tida como importante.

2. Exemplos específicos: a reflexão sobre o conceito de variação linguística na prática tradutória

Nesta seção alguns casos reais serão usados como ilustrações da relevância de se abordar a variação linguística diretamente na formação de tradutores. Para este fim serão apresentados casos relacionados a modalidades tradutórias radicalmente diferentes, e os tipos de variação trazidas à tona também serão bastante distintas, com o intuito de possibilitar em um breve espaço a visualização de diferentes oportunidades de debate que se dão no cotidiano acadêmico.

A primeira modalidade tradutória a ser considerada será aquela que é talvez a mais aspirada pelos discentes no início de suas graduações: a tradução literária. Considerar-se-á aqui o exemplo da tradução de dialetos na tradução literária, mais especificamente um dialeto da língua inglesa estadunidense: o inglês afro-

americano. O aparentemente simples uso de uma construção gramatical como o *ain't*, comumente adotado por afro-americanos (mas não somente, por ser comum também entre os sulistas estadunidenses de modo geral), pode gerar discussões extremamente produtivas sobre como traduzir um texto literário. O dialeto afro-americano constitui um bom exemplo por ser uma das construções linguísticas representadas em obras literárias que talvez despertem mais reações em discentes cuja formação é voltada ao par linguístico inglês-português. A inexistência de uma equivalência exata, conforme apontado por Britto (2012), parece ser o maior conflito enfrentado ao pensar como abordar este dialeto. Afinal, no português brasileiro não há variações dialetais diretamente ligadas a uma raça específica, e menos ainda com a carga social e histórica atrelada ao falar dos afro-americanos. Então, o dilema entre traduzir de um modo que corre o risco de ser visto como caricato, ou apagar a ocorrência dialetal usando língua padrão, ou ainda utilizar marcas de oralidade para parcialmente demonstrar um uso linguístico diferenciado, rende debates saudáveis e que trazem crescimento aos futuros profissionais ao enxergar que a linha entre certo e errado ao traduzir tem ramificações bastante complexas. Adiciona-se ainda a isto o fato de discentes brancos de nível socioeconômico mais alto afirmarem por vezes sentir que a tradução de um dialeto afro-americano não seria um trabalho adequado para eles, por não serem protagonistas de lutas sociais semelhantes às daquelas dos sujeitos traduzidos (mesmo que ficcionais). Esse posicionamento abre portas para ricas reflexões acerca do lugar de fala do tradutor (com base em RIBEIRO 2017), uma temática atual que vai muito além do traduzir, mas também encontra espaço e relevância na sala de aula de formação de tradutores, onde debates sobre autocensura ao traduzir, por exemplo, afloram e posteriormente trazem resoluções de possíveis conflitos que afetariam a futura prática dos discentes caso a temática não fosse diretamente tratada.

O segundo contexto específico no qual a variação linguística pode ser abordada diretamente é na instrução acerca da tradução audiovisual. Isso pois, primeiramente, a presença de dialetos em obras fílmicas de diferentes nações é uma das temáticas que, cada vez mais, tem despertado interesse na academia e discussões frutíferas com discentes interessados neste mercado profissional, tanto na dublagem quanto na legendagem, passando ainda por modalidades como a audiodescrição e mesmo a localização de games. Ademais, a tendência de elevação

de registros também é observada em traduções fílmicas, e a prática voltada à manutenção do registro original é um desafio enriquecedor para discentes brasileiros. E é justamente esta questão da manutenção do registro em traduções audiovisuais que abre portas para um exemplo específico pouco usual mas que, espera-se, lançará luz sobre pontos importantes.

O exemplo a ser descrito aqui ocorreu no âmbito do Laboratório de Estudos da Tradução (LABESTRAD) na Universidade Federal Fluminense (UFF), um projeto de extensão no qual equipes de cinco línguas diferentes (francês, espanhol, inglês, italiano e russo) atuam realizando traduções gratuitas de diversas modalidades para a comunidade acadêmica e para a comunidade externa. Não se trata, entretanto, de um escritório (termo que presume entregas mais céleres), mas sim de um espaço também voltado ao ensino e à reflexão e, portanto, no qual as traduções são desenvolvidas com prazos mais dilatados. Nesse contexto, a equipe de língua inglesa (da qual a autora faz parte como orientadora) aceitou uma proposta inusitada: a legendagem de videoverbetes (ou seja, verbetes em formato audiovisual, com pesquisadores renomados explicando terminologias específicas), do português para o inglês (ou seja, versões, tarefa tradutória que por si só traz maiores desafios). Os solicitantes foram os docentes da UFF ligados ao Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF), uma equipe essencialmente voltada ao trabalho com base nas teorias da análise do discurso francesa (a qual envolve conceitos de considerável complexidade). O produto final seria a ENCIDIS, uma Enciclopédia Virtual do Discurso e áreas afins voltada principalmente à divulgação científica.³

No desenvolvimento das legendas para a ENCIDIS vários desafios foram enfrentados. Dois deles, a saber, as próprias limitações espaciais e temporais da legendagem e a complexidade das perspectivas teóricas a serem traduzidas, parecem não ter relação direta com a variação linguística, mas acabaram por ser determinantes nos debates desenvolvidos sobre como traduzir o registro acadêmico da língua portuguesa para a língua inglesa. O desafio mencionado na seção anterior acerca da dicotomia entre a fala e a escrita, particularmente acentuada no português brasileiro, foi a primeira questão a ser pensada com os discentes: o registro oral acadêmico não é exatamente o registro escrito acadêmico, que teria

³ Atualmente a ENCIDIS já se encontra on-line, e pode ser melhor conhecida através do site <http://encidis-uff.com.br/>

que estar presente nas legendas. Atos falhos, digressões, hesitações, e outras características da oralidade que são também presentes na oralidade acadêmica precisam ser consideradas com cuidado especial por se tratar de um material cujo público final é, em última instância, de analistas do discurso ou interessados pela área. Ou seja, no caso dos videoverbetes trabalhados, as hesitações dos especialistas entrevistados, por exemplo, não puderam ser totalmente omitidas por conta das especificidades desse projeto de tradução. E, quando se considera que as legendas a serem desenvolvidas, além de serem a passagem do discurso oral para o discurso escrito, também envolveriam dois registros acadêmicos com características bem diferentes como o brasileiro e o anglófono, as dificuldades se tornam bem maiores. Ademais, questões de proficiência também acabam sendo um dificultador, porque os discentes brasileiros, no geral, não têm grande exposição ao registro acadêmico anglófono oral ou escrito, ao menos não para elaborar legendas em inglês sem grande suporte externo, e muita pesquisa foi necessária por parte dos discentes envolvidos para o cumprimento da tarefa proposta a eles. Uma feliz coincidência, porém, acabou por facilitar a execução do projeto: o fato de o registro acadêmico anglófono ser mais conciso, o que por fim gerou menor uso de caracteres nas traduções, facilitando consideravelmente a legendagem. Ainda assim, houve dificuldades como a adequação do registro das legendas (a tendência dos discentes, por vezes, foi utilizar linguagem demasiadamente informal por ser aquela com a qual estão mais familiarizados, e também a que permite mais contrações e palavras curtas), ou o apego demasiado ao texto-fonte com a consequente utilização de um inglês que não correspondia ao registro acadêmico anglófono (como no caso do uso de uma ordem de palavras que se aplica ao português mas não funcionaria de modo algum em inglês). Embora o objetivo do presente artigo não seja se aprofundar nas minúcias de cada exemplo apresentado, essas breves considerações ilustram a importância de pensar a variação linguística de modo direto com os estudantes na tradução audiovisual.

A questão do registro acadêmico escrito em sua concepção mais tradicional, ou seja, do registro aceito para a escrita de artigos e livros de cunho acadêmico, é um terceiro exemplo específico que merece atenção, pois nesse contexto tradutório, assim como no exemplo menos usual dos videoverbetes, fica perceptível a baixa familiaridade dos discentes com o gênero e o consequente registro atrelado a ele.

Uma das atividades que talvez seja de maior valia com os discentes é a revisão de *abstracts* reais publicados em revistas acadêmicas e claramente traduzidos por brasileiros, o que é perceptível devido ao uso do idioma estrangeiro em apreço, com claras dificuldades tradutórias. Aprendendo através das dificuldades de terceiros não-identificados os discentes se sentem menos expostos do que em processos de revisão por pares dos trabalhos uns dos outros, uma vez que a disparidade de proficiência acaba por expor alguns indivíduos a situações pouco confortáveis em sala. Apontar erros específicos no uso de língua, como uma preposição incorreta, um falso cognato, ou uma construção verbal inadequada, torna-se mais fácil quando o autor do objeto da análise não se encontra na turma. Mas, ainda assim, o trabalho de versão individualmente corrigido pelo docente não deixa de ter seu valor, e consiste em outro passo importante para lidar com os empecilhos impostos pelo registro acadêmico escrito. Vale ainda apontar que, por vezes, as dificuldades tradutórias se encontram até mesmo na ausência de proficiência no registro acadêmico na língua materna do tradutor em formação, o que abre espaço para reflexões ainda mais amplas acerca da escolarização com que os discentes chegam à universidade na atualidade.

O último exemplo específico (e talvez também pouco usual) a ser trazido à tona serve para demonstrar que a variação linguística está presente mesmo em projetos tradutórios aparentemente simples e breves, como a tradução de cardápios e receitas culinárias. Tarefas com este tipo de texto-fonte levam a pensar sobre itens culturalmente específicos atrelados à variação linguística de determinadas regiões, indo desde unidades de medida (no mundo anglófono há a diferenciação de sistemas métricos entre Estados Unidos e Inglaterra, que pode por exemplo levar a equívocos tradutórios relacionados à temperatura do cozimento ou à quantidade de determinado ingrediente em uma receita) até nomes de determinados alimentos (no mesmo cenário anglófono, o termo *biscuit* por exemplo terá significados bem

diferentes no contexto norte-americano ou inglês, caracterizando uma espécie de pão no primeiro e um biscoito no segundo).

Considerações finais: o que afinal é possível afirmar sobre o ensino da tradução de variações linguísticas em linhas gerais?

Diante dos exemplos apresentados e das teorias mencionadas, resta questionar: é possível generalizar a partir de casos específicos, para poder tirar deles orientações que possam ser utilizadas para lidar com variações linguísticas em diferentes situações tradutórias, e que valham ser abordadas no treinamento de tradutores? A resposta breve para esta pergunta seria que sim, é perfeitamente possível generalizar em alguns pontos, ainda que cada tradução tenha as suas especificidades.

A primeira grande generalização possível é a afirmação de que, independentemente da variação linguística abordada, uma relação de proximidade entre teoria e prática ajuda a situar a prática tradutória contextualmente e, conseqüentemente, resulta em uma abordagem tradutória com menores chances de equívoco. Afinal, pensar por exemplo ativamente em domesticar ou estrangeirizar enquanto estratégia a ser adotada leva a um maior nível de atenção do profissional para que o resultado seja um texto homogêneo em seu uso de língua.

Outro princípio que pode ser universalmente aplicado à tradução de diferentes tipos de variação linguística é o de que a pesquisa minuciosa, que contemple termos em nível micro e macroestrutural, é sempre bem-vinda para o sucesso tradutório.

Associada à importância da pesquisa, é válido apontar que a proficiência na variação com a qual se pretende trabalhar é também de essencial importância, proficiência sendo aqui compreendida sob uma perspectiva mais ampla, para englobar diferentes variações dentro de uma (suposta) mesma língua. É claro que a proficiência total é uma meta inalcançável, e até por isso a habilidade para pesquisar apropriadamente tem tanto protagonismo no ofício do tradutor; mas um

conhecimento apropriado do nicho de mercado com o qual se pretende trabalhar inclui obviamente um entendimento aprofundado do uso de língua naquele contexto alvo.

O posicionamento ético é outro princípio geral que deve fazer parte da rotina profissional do tradutor, e deve ser ativamente encorajado já no processo formativo, em especial ao lidar com variações linguísticas tidas como sensíveis, como o inglês afro-americano mencionado anteriormente. É sempre válido questionar o que é eticamente cabível e aceito para um indivíduo como profissional, bem como o que este indivíduo percebe como os seus limites de atuação. A variação carrega muitos significados que vão para além do texto em si, e as traduções de determinadas variações podem dar voz e visibilidade a sujeitos que protagonizam determinadas lutas sociais, cabendo sempre debater se quem traduz é participante da realidade traduzida ou é alguém que a vê de fora (não necessariamente afirmando aqui de forma precipitada se cabe ou não ao sujeito externo àquela realidade representada em determinado texto traduzi-lo, mas afirmando sim que certamente cabe ao profissional questionar seu posicionamento diante daquilo que traduz).

Uma das maiores implicações de pensar ativamente a tradução da variação linguística é que se acaba por concluir que não existe tradução fácil. Mesmo as variações presentes em materiais textuais breves e corriqueiros (como as receitas e cardápios mencionados) podem ser tão desafiadoras quanto aquelas em documentos longos ou mesmo textos canonizados, cujo nível de exigência técnico ou criativo é erroneamente visto como mais elevado pela comunidade profissional e, mais ainda, pelo senso comum.

Entender as eventuais imposições do mercado de trabalho para a tradução de variações linguísticas é outro ponto universalmente essencial para lidar com o que, de outra forma, pode ser uma decepção para o profissional ao se deparar com limitações ao seu processo criativo enquanto tradutor. É necessário estabelecer no processo formativo a compreensão de que, ainda que uma abordagem tradutória não pareça ser a solução mais apropriada sob uma perspectiva individual, há dinâmicas maiores e normas pré-estabelecidas que regulam o trabalho da classe profissional como um todo, e de que é necessário atentar para estas regulamentações impostas pelo mercado e pela sociedade que receberá a tradução para que o profissional se mantenha ativo e viável; ou, alternativamente, há a possibilidade de se dispor

conscientemente a enfrentar o que está dado, como consequência colocando-se à margem mas, ao mesmo tempo, tentando promover a mudança no polissistema.

Por fim, a pluralidade de exemplos abordada leva a concluir que a variação linguística está muito mais presente do que o tradutor pode pensar à primeira vista, em uma miríade de textos e contextos. O treinamento para perceber a sua relevância é que a tornará mais ou menos perceptível, e espera-se que as reflexões brevemente traçadas aqui contribuam neste sentido.

Referências

- ARAÚJO, D. R.; HANES, V. L. L. A tradução do inglês afro-americano em obras fílmicas: reflexões sobre três estudos de caso. *Translatio*, n. 20, p. 102-115, 2020.
- BAER, B. J. Teaching translation through text types. In VENUTI, L. (Ed.). *Teaching Translation* (pp. 63-70). New York: Routledge, 2017, p. 63-70.
- BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- EVEN-ZOHAR, I. *Polysystem studies*. Durham, NC: Duke University Press, 1990.
- FAWCETT, P. Teaching Translation Theory. *Meta: journal des traducteurs*, vol. 26, n. 2, 1981, p. 141-147.
- HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Hong Kong: Oxford University Press, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. *The Language of Science* (Collected Works of M.A.K. Halliday). London/New York: Continuum, 2004.
- HANES, V. L. L. *The language of translation in Brazil: written representations of oral discourse in Agatha Christie*. 2015. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- HUBERT, M. D. Teaching translation to foreign-language majors. In VENUTI, L. (Ed.). *Teaching Translation*. New York: Routledge, 2017, p. 55-62.

- KATO, M. *A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical*. In MARQUES, M. et al. (Eds), *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino* (pp. 131-145). Braga, Portugal: Cehum Universidade do Minho, 2005.
- LEFEVERE, A. Why waste our time on rewrites? The trouble of interpretation and the role of rewriting in an alternative paradigm. In: HERMANS, T. (Ed.) *The manipulation of literature: Studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985. p. 215-243.
- LIPPI-GREEN, R. *English with an accent: language, ideology and discrimination in the United States*. New York: Routledge, 2007.
- NORD, C. Translating as a purposeful activity: a prospective approach. *Tradterm*, v. 11, p. 15-28, 2005.
- PAGANINE, C. Variação linguística e tradução literária: impasses e possibilidades. *De volta ao futuro da língua portuguesa*. Atas do V SIMELP-Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, p. 3707-3724, 2017.
- PYM, A. *Exploring translation theories*. New York: Routledge, 2009.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- VENUTI, L. *Teaching Translation*. New York: Routledge, 2017, p. 55-62. *The translator's invisibility: a history of translation*. New York: Routledge, 1995.